



O IMPACTO DO RACISMO NA PESSOA EM FORMAÇÃO: COMO AS CRIANÇAS REAGEM À ESSA VIOLÊNCIA.

Autor(es)

Humberto Bernal De Rezende
Monica Machado Dos Santos

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE BRASÍLIA

Introdução

O objeto de estudo desse projeto será analisar como o racismo (explícito ou estrutural) impacta a formação da autoestima de crianças de 7 a 12 anos e como isso se dá efetivamente em ambiente de convívio social, como escola e em casa: até que ponto ser exposto ao racismo nessa idade afeta esse indivíduo em formação?

O RACISMO NO BRASIL E SUA HERANÇA

O Brasil foi o último país a abolir o sistema de escravidão como forma principal de mão de obra. Após esse período, que foi marcado por violência física, psicológica e emocional, os impactos sociais causados por ele ainda são persistentes e observados em nosso cotidiano. Tal período gerou o que se pode chamar de um apagamento da identidade dos negros escravizados, desconsiderando sua cultura, religião e valores.

Objetivo

OBJETIVO GERAL:

Analizar como as várias faces do racismo afetam o desenvolvimento de crianças em idade escolar, entre os 7 e 12 anos, considerando a literatura disponível acerca de racismo estrutural e desenvolvimento infantil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Descrever como a autoestima de crianças negras é afetada pela falta de uma educação verdadeiramente inclusiva e antirracista, ao não considerar sua individualidade e negritude.

Identificar em que momento a criança negra se torna consciente de que está sujeita a sofrer atos de violência verbal ou física causado por suas características.

Material e Métodos

METODOLOGIA:



Dentre vários artigos, livros e documentos disponíveis para consulta acerca do tema racismo, racismo na infância e desenvolvimento infantil, serão utilizados os seguintes trabalhos:

Documento do NCPI Racismo, educação infantil e desenvolvimento na primeira infância, que aborda como os atos de racismo afetam as crianças no aspecto físico, mental, psicológico e social.

Também será consultado o livro Torna-se Negro, de Neusa Santos Souza, que nos leva a entender o processo de autorreconhecimento e aceitação inerente a toda pessoa negra em sua formação diante de uma sociedade que insiste em ver o negro e seus traços como inferior.

Utilizaremos também reportagens publicadas em canais digitais como Agência Brasil, Portal G1, BBC News Brasil, Site Brasil de Fato e Agência Brasil, que evidenciam casos de racismo continuamente por todo Brasil, tendo frequentemente crianças como alvo.

Instituto Ethos, empresa sem fins lucrativos voltada a auxiliar e mobilizar empresas para causas sociais, também será objeto de estudo devido à sua constante missão de tentar tornar ambientes empresariais em locais mais diversos e acolhedores.

Será consultado também o Livro de Cida Bento, Pacto da Branquitude, obra importante que explica como pessoas brancas criaram, consciente e inconscientemente, um pacto narcísico – nem sempre – não verbalizado que acaba por priorizar sua própria raça em caso de contratações e relações pessoais, levando a se enxergar como algo superior, para além do que é diferente.

Sobre desenvolvimento infantil, as teorias de Jean Piaget acerca do período operatório concreto serão consideradas devido às suas observações sobre como crianças nessa idade absorvem fatos externos e como reagem a isso, com revisão de textos e documentos relacionados aos estágios de desenvolvimento, teoria construtivista e de aprendizagem a partir do século XX.

Resultados e Discussão

HIPÓTESE:

Considerando os estudos disponíveis sobre o assunto acerca de desenvolvimento infantil e racismo na infância, podemos partir de um pressuposto claro: atos de racismo sofridos durante a infância, além de violentos, causam traumas e afetam diretamente a saúde mental de crianças.

Logo, com esse estudo, espera-se acrescentar ao debate sobre racismo a importância de um olhar mais atento à fase de desenvolvimento da camada mais sensível da população negra: a criança em desenvolvimento durante um período crucial na formação de sua autoestima.

A tensão social causada pelo constante medo em relação à violência policial é clara quando é proposta a discussão sobre o assunto com pessoas negras independente da classe social, sexo ou idade. O simples ato de correr na rua ou ser considerado suspeito pela cor da pele é suficiente para gerar um cenário ideal para que a violência policial seja justificada. Como expressou cirurgicamente Douglas Belchior, fundador do Movimento Uneafro-Brasil e professor de história em seu artigo para a Carta Capital em 2024:



"Entre janeiro e agosto deste ano, as polícias Civil e Militar de São Paulo mataram 441 pessoas negras, de acordo com um levantamento feito pelo Instituto Sou da Paz. Entre 2023 e 2024 houve um aumento de 78% na letalidade policial contra corpos negros. Nossa pele é alvo.

Isso não é acaso, é racismo. Um racismo institucional, operado pelo próprio Estado. Bastou Gabriel, 26 anos, furtar dois produtos de limpeza e sair correndo para que a arma do PM Vinícius Lima Britto disparasse, automaticamente, 11 vezes contra ele. Pelas costas."

O racismo estrutural continua a reproduzir profundas desigualdades na sociedade brasileira. As pessoas negras permanecem minoria em cargos de chefia e apresentam menores salários. De acordo com o Instituto Ethos (2024), apenas 5,9% dos cargos em Conselhos de Administração e 13,8% dos cargos de Diretoria são ocupados por pessoas negras.

Conclusão

Diante de tais considerações, é inegável concluir o impacto negativo na saúde mental e, consequentemente, na saúde física de crianças negras, de forma a atingir a vida adulta. Mas, antes disso, durante a formação da autoestima, tais atos podem comprometer seriamente o desenvolvimento se considerarmos os efeitos de tais violações em um indivíduo em crescimento. O racismo estrutural perpetua essas desigualdades até hoje, repercutindo nos aspectos sociais. As pessoas negras são minoria em cargos de chefia e com menores salários: segundo o Instituto Ethos, apenas 5,9% e 13,8% de pessoas negras ocupam cargos de Conselhos de Administração e Diretoria. Elas também são as mais atingidas pelo braço armado do estado em casos de violência: 90% dos mortos pela polícia em 2023 eram negros, conforme a reportagem da Agência Brasil em 2024, após estudo realizado pela Rede de Observatório da Segurança.

Referências

ALVES,G. Alunos negros se sentem menos acolhidos na escola, aponta pesquisa. São Paulo: METRÓPOLES, 2024. Disponível em: www.metropoles.com.br/alunos-negros-se-sentem-menos-acolhidos-na-escola-aponta-pesquisa. Acesso em 30 abr.2025.

ARAÚJO,V. Caso de racismo em escola pública no DF aponta para necessidade de ações antirracistas, observam especialistas. Brasília: Brasil de Fato ,2023. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2023/10/25/caso-de-racismo-em-escola-publica-no-df-aponta-para-necessidade-de-acoes-antirracistas-observam-especialistas/>.Acesso em 18 abr. 2025

BELCHIOR,D;NASCIMENTO,V;LOURENÇO,B. Calar sobre a violência policial é apoiar o genocídio do negro brasileiro. São Paulo: Carta Capital,2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/calcar-sobre-a-violencia-policial-e-apoiar-o-genocidio-do-negro-brasileiro/>



violencia-policial-e-apoiar-o- genocidio-do-negro-brasileiro/. Acesso em 30 abr.2025.

BENTO,Cida. O Pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.152 p.